

estante

Jerusa Pires Ferreira



Duas coisas norteiam minha atividade de conhecimento e processo de leitura: o trânsito entre diversos segmentos de cultura sem hierarquizá-los e a deslocação por vários lugares do mundo, numa conversão permanente a outras línguas e culturas. Os livros são aqui apresentados em si ou em conjuntos reunidos, a partir de fortes referências e conexões.

1. Le Courage de la Vérité, de Michel Foucault (Gallimard-Seuil, 2009), tem como subtítulo "Le Gouvernement de Soi et des Autres". Trata-se do curso que o filósofo ofereceu no Collège de France, em 1984, pouco antes de falecer. O texto retirado do gravador, e isso é um detalhe importante, respeita as circunstâncias diante das quais o autor apresenta uma espécie de legado/testamento filosófico. Para ele não há uma instauração de verdade sem uma posição essencial da alteridade. É muito interessante sua opção pela filosofia dos cínicos, na Grécia antiga, e a relação com o exercício da democracia.

2. Dicionário Locke, de John W. Yolton (Jorge Zahar Editor, 1996). Muito útil para uma incursão por conceitos e pelo universo dos chamados empiristas ingleses. São verbetes de A a Z que nos vão guiando, numa descoberta crítica das coisas e de suas classificações. Alma, animal, aparência, movimento, representação, convites a quem queira pensar, mesmo sendo, neste capítulo, autodidata como eu, ou um iniciante.

3. Profanações, de Giorgio Agamben (ed. Boitempo, 2007). Um livro fundamental que aborda questões da cultura, a partir de perspectivas inesperadas e renovadoras. Por exemplo, o diálogo com Foucault a respeito do conceito de autor, como aquele sujeito ausente que se procura e com o qual se entra em jogo. Na sequência, e a partir daí, estou lendo **La Potencia del Pensamiento - Ensaio e Conferencias** (ed. Adriana Hidalgo, 2007), onde encontro materiais para pensar algumas questões que

levam à imagem, à memória, ao gesto, à voz, como no interessante capítulo "O Eu, o Olho, a Voz". **Lo Abierto** é um outro título de Agamben (ed. Adriana Hidalgo, 2007), uma incursão pela iconologia e pelo bestiário, instalando-nos frente à antiga discussão natureza e cultura e levando-nos a pensar como o humanismo hoje pede outras formulações. Um agudo questionamento sobre os ditos valores e direitos humanos.

4. Sur Parole (La Voix Nue), de Jacques Derrida (Éditions de l'Aube, 1999). Trata-se de um fascinante diálogo radiofônico, que foi ao ar pela France Culture, em dezembro de 1998. Nele, Derrida fala de sua atividade política, intelectual e filosófica, levando-nos a avançar por atos da memória, confissões e impossibilidades de confessar. Ética e estética, interesse e liberdade, o trânsito da vida pessoal à pública, as urgências diante dos acontecimentos do século XX, a mídia e o novo ritmo dos sistemas de informação na cultura - tudo isso é aí discutido com impressionantes clareza e sinceridade.

5. No capítulo "estudos medievais" venho lendo, ao longo de muitos anos, a obra do historiador e semiótico russo Aaron Gurévitch, que tive a oportunidade de entrevistar em Moscou, em 1997, sobretudo **Les Catégories de la Culture Médiévale** (Gallimard, 1983) e **El Individualismo Europeu** (ed. Grijalbo, 1997). Discípulo de Marc Bloch, seus textos têm uma modernidade que universaliza o fazer da história, passando por detalhes de profundo conhecimento textual e iconográfico e buscando, por sua vez, uma desinstalação do eurocentrismo.

6. Quanto a Paul Zumthor, autor a quem retorno sempre e a partir de quem vou revelando ao público brasileiro novos textos, estou lendo mais uma vez **La Mesure du Monde** (Seuil, 1993), livro que me acompanha ao longo desses anos, no questionamento das categorias de tempo/espço. **Falando de Idade Média** (Perspectiva, 2009) nos traz uma força de aproximação de textos da cultura que contempla o prazer e rejeita qualquer tipo de cientificismo despótico. Uma história de vida, de profissão, de atitudes, rumo à poética. No momento, estou escrevendo um trabalho comparativo sobre esses dois medievalistas para a revista "Vopróssi Litieratúri" (Questões de Literatura), de Moscou.

7. Um outro autor que tem aqui o seu espaço é Henri Meschonnic, cujo livro **A Poética do Traduzir** (a sair em breve pela editora Perspectiva) foi se transformando numa espécie de lição permanente e convite a outras leituras. Foi assim, e sob sugestão de um capítulo seu, "A Pequena Mulher em Kafka", obra-prima de percepção, das cores ao movimento, que voltei ao escritor tcheco.

8. A América Latina tem ocupado um grande espaço e responde por muitas deslocações que faço atualmente. Aí, sempre tem lugar **Ofício de Cartógrafo - Travessias Latinoamericanas de la Comunicacion en la Cultura**, de Jesus Martin Barbero (Fondo de Cultura Economica 2002).

O romance **Muchas Lunas de Macchu Picchu**, do escritor Enrique Rosas Paravicino, de Cusco, nos relata o desmoronamento do Império Inca. Aliás, eu tinha acabado de ler com entusiasmo **Órfãos do Eldorado**, de Milton Hatoum (Companhia das Letras, 2008), e assim procurei aproximar, de algum modo, os dois escritores.

De Gabo a Mario, de Angel Esteban e Ana Gallego (Espasa, 2009), sobre a amizade e o rompimento de Mario Vargas Llosa e Gabriel Garcia Marques, nos permite seguir o movimento editorial de Barcelona e a história comentada e crítica do boom da literatura latino-americana, fazendo-nos entender, através de fecunda documentação, certas razões culturais e ideológicas que cindiram o continente.

Ainda na mesma direção, **Cautivo**, de Álvaro Abós (Libros del Zorzal, 2004), um ensaio sobre um famoso painel, em Buenos Aires, de David Alfaro Siqueiros, o muralista mexicano. Uma história episódica que também nos situa no quadro acima referido.

9. Quanto à poesia, destaco, de Robert Melançon, poeta do Québec, **Le Paradis des Apparences**, um ensaio poético sobre o "real" e a representação, que estou traduzindo. Uma parte foi publicada na revista "Coyote" (vol. 16, 2008). E também **Femina** (Fundação Casa de Jorge Amado, 1996), importante livro da poeta baiana Myriam Fraga.

10. Contam muito a literatura popular e os estudos sobre memória

da edição. Continuo a ler os folhetos de nossa rica literatura de cordel, tanto no que se refere às mitopoéticas ou à comunicação e ao narrado. No capítulo da poesia popular, destaco **Os Martelos de Trupizupe**, de Bráulio Tavares (Edições Engenho e Arte, 2004).

Tenho relido, com grande atenção, **Literatura Oral no Brasil**, de Câmara Cascudo, coleção Documentos Brasileiros (José Olympio, 1953). Ele atuou no sentido de propor a inclusão da poesia popular no corpo da literatura brasileira, e é um livro indispensável. E voltei a apreciar **O Caixeiro**, de Rodolfo Theóphilo (Museu do Ceará, 2003), a partir do fac-símile de 1927, dos mais belos relatos autobiográficos e de memória de um tempo do Nordeste.

11. Les Privilèges, de Stendhal (Ed. Payot, 2007), um pequeno livro que acabei traduzindo para a editora Ateliê, fez com que eu fosse em busca das várias facetas deste escritor extraordinário. Stendhal foi um autor presente em minhas leituras desde muito jovem: **O Vermelho e o Negro** e **A Cartuxa de Parma**, editados pela Globo de Porto Alegre. E, agora, redescubro o autor em seus aspectos mais interessantes de uma rebeldia fundamental. **Armance** (Estação Liberdade, 2003) é um texto proustiano, tão antes de Proust, em que a memória é uma incursão no mundo falido da aristocracia francesa. Isso levou a um mergulho encantado pela obra do escritor, e terminei adquirindo as **Oeuvres Intimes** (em dois volumes, Gallimard, 1981 e 1982).

12. Nos estudos culturais, Edouard Glissant, cujo **Traité de Tout-Monde** (Gallimard, 1997) aproxima a dimensão poética da reflexão antropológica sobre o tema das identidades. Um texto antilhano que nos toca muito de perto. E não poderíamos deixar de fora os escritos do pensador indiano Arjun Appadurai que, em seus inúmeros livros, traduzidos em várias línguas, a exemplo de **Après le Colonialisme - Les Consequences Culturelles de la Globalisation** (Payot, 2001), nos empresta sua lucidez para enfocar questões cruciais de nosso tempo, como o exílio, a globalização, os nossos temores frente aos outros e a nós mesmos.

13. Em compasso de espera, na estante, estão **Felicidade Conjugal**, de Lev Tolstói (Editora 34, 2009), em tradução de Boris Schnaiderman, e **Avenida Paulista**, de Carla Caffé (Cosac Naify, 2009), um estudo gráfico e uma conversa sobre a cidade.

Publicado em 18/10/2009

<http://www.revistatropico.com.br/tropico/html/textos/3135,1.shl>

.

Jerusa Pires Ferreira

É professora do programa de pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP e do CJE/ECA-USP, coordenadora do Centro de Estudos da Oralidade, do COS/PUS-SP e do projeto Editando o Editor (ECA/USP). É autora de "Armadilhas da Memória", "O Livro de São Cipriano - Uma Legenda de Massas" e "Cavalaria em Cordel".